

Internacionalização

Bolsa portuguesa é plataforma mais visível

Angola tem um peso cada vez maior na bolsa portuguesa. A participação dos seus investimentos no PSI 20 subiu de 3,2% da capitalização bolsista das cotadas do índice, no final de 2009, para 3,8% em 2010, valor que corresponde a um aumento de 18%. Esta tendência de reforço no capital das empresas portuguesas, segundo os analistas, deverá continuar, devido, designadamente, ao interesse da Sonangol em ter uma participação directa na Galp Energia, e à luz verde dada pelo Banco de Portugal para que a petrolífera angolana chegue aos 20% no Millennium BCP.

Dados recentes dão conta de que os valores dos investimentos angolanos no PSI 20 estão agora avaliados em 2,43 mil milhões de euros, mais 12% do que os 2,18 mil milhões aplicados no final de 2009. Estes números assentam em operações que envolvem menos de meia dúzia de empresas, mas só em 2010, a sociedade liderada por Isabel dos Santos, a Kento, comprou 10% da ZON Multimédia e a Sonangol reforçou a sua posição no BCP, ultrapassando já os 10%, sendo que tem actualmente luz verde do Banco de Portugal para avançar até aos 20%.

De acordo com as participações qualificadas reportadas até à data, o capital angolano está presente em quatro empresas cotadas, nomeadamente na Galp Energia, no Millennium BCP, na ZON e no BPI, detendo 15% (por via dos 45% que o capital angolano detém na Energia Amorim – empresa não cotada que é detentora de 33,34% da Galp Energia), 14,59%, 10% e 9,8%, respectivamente.

Octávio Viana, presidente da Associação de Investidores e Analistas Técnicos do



Existem empresas cotadas em que os maiores accionistas detêm capitais angolanos, designadamente na ZON, em que a Kento Holding Limited detém 10% do capital social, ficando apenas atrás do banco estatal português, a CGD, que detém mais 1,75%.

Mercado de Capitais (ATM) adiantou à Economia & Mercado que “poderão existir, directa ou indirectamente, mais participações angolanas nestas ou noutras empresas cotadas portuguesas, mas encontram-se seguramente abaixo dos 2% necessários para terem de ser reportados como participação qualificada e dadas a conhecer ao mercado”.

Questionado sobre o interesse das empresas angolanas em investirem na bolsa portuguesa, o mesmo responsável diz que “há uma relação económica, social e cultural muito próxima entre Angola e Portugal, da qual resulta uma maior afinidade”, ou seja, uma ligação natural entre os dois países, “não obstante a distância geográfica que os separa”. Portugal, continua Octávio Viana, “é um dos maiores investidores estrangeiros em Angola, salvo erro, o terceiro maior, nomeadamente devido à presença no

mercado de bancos com capital português, como é o caso do Millennium BCP, do BPI e do BESA. A própria Galp Energia, detida também por portugueses, tem fortes interesses em Angola”.

Verifica-se, pois, “um claro interesse das empresas portuguesas em investir em Angola, quer na área da construção (com empresas cotadas portuguesas a terem grandes operações no país, como a Teixeira Duarte e a Soares da Costa), quer na área da indústria, ou dos serviços (como é o caso já referido dos bancos). Este interesse deriva quer dos factores culturais e sociais que já mencionei, mas também do facto de Angola ser uma das economias que está a crescer muito rapidamente”, lembra o presidente da ATM.

Octávio Viana sublinha, inclusive, que “perante o interesse e a presença das empresas portuguesas em Angola, das



COMPOSIÇÃO DO PSI 20

Empresa	Peso no Índice (%)
ALTRI SGPS	0,97
B.COM.PORTUGUES (Millennium BCP) *	9,95
B.ESPIRITO SANTO	6,53
BANCO BPI *	1,87
BANIF-SGPS	0,66
BRISA	4,52
CIMPOR,SGPS	2,23
EDP	14,92
EDP RENOVAVEIS	4,75
GALP ENERGIA-NOM *	14,84
J.MARTINS,SGPS	10,67
MOTA ENGIL	0,52
P.TELECOM	15,51
PORTUCEL	2,13
REN	1,27
SEMAPA	1,81
SONAE	2,89
SONAE IND.SGPS	0,51
SONAECOM,SGPS	0,57
ZON MULTIMEDIA *	2,90

* Empresas com participação de capital angolano

Perto de 2,5 mil milhões de euros pertencem aos investidores angolanos

Os accionistas angolanos, enquanto accionistas detentores de acções ordinárias, têm o direito, como qualquer outro accionista, a ter participação nos resultados da empresa, na percentagem do capital social que detêm. Relativamente aos resultados obtidos, pode avaliar-se o tema segundo várias ópticas para se chegar a uma conclusão mais efectiva e segura.

A Economia & Mercado destaca duas delas: os dividendos, que são os resultados que efectivamente vão parar ao bolso do accionista, e os resultados líquidos por acção, que são os resultados que a empresa produziu no período por cada acção em circulação da empresa. Em termos de dividendos, é ainda necessária aprovação em Assembleia Geral (AG) de accionista da proposta de distribuição das administrações das várias empresas, que ainda não tiveram lugar, mas, por exemplo, o Millennium BCP e o BPI já admitiram que vão propor não distribuir dividendos este ano, referente ao exercício de 2010, a ZON vai propor 0,16€ por acção na próxima AG de accionistas agendada para 15 de Abril próximo, o que dá um encaixe bruto de quase 5 milhões de euros à Kento Holding Limited.

No que diz respeito aos ganhos por acção (EPS - Earnings Per Share), temos o seguinte:

- GALP: 0,37 EPS, sendo que 45.9M€ será o lucro correspondente (não que seja distribuído) às acções detidas pelo capital angolano;
- ZON: 0,11 EPS, 3.54M€ de lucro correspondente (não que seja distribuído) às acções detidas por capital angolano;
- Millennium BCP: 0,06 EPS, 44.00M€ de lucro correspondente, e não obrigatoriamente distribuído, às acções detidas por capital angolano;
- BPI: 0,21EPS, 18.11M€ de lucro correspondente, e não obrigatoriamente distribuído, às acções detidas por capital angolano.

Sublinhe-se, no entanto, que o EPS não é uma boa medida de avaliação de empresa, até porque os resultados líquidos de um período são por vezes influenciados por questões extraordinárias.

Assim sendo, uma forma de avaliar, a preço de mercado, as participações detidas pelo capital angolano, é ponderar a capitalização bolsista pelo capital social detido de cada uma dessas participações. E neste âmbito, à data de 18 de Março (dia em que os dados aqui apresentados foram recolhidos e validados pela Economia&Mercado) a capitalização bolsista das empresas cotadas na bolsa portuguesa com capital angolano era a seguinte:

- Galp Energia: 11 768M€, correspondendo o valor de mercado do capital angolano à data atrás mencionada a 1 765M€;
- ZON: 1 100M€, correspondendo, na mesma data, o valor de mercado do capital angolano a 110M€;
- Millennium BCP: 2 966M€, correspondendo o valor de mercado do capital angolano na mesma data a 433M€;
- BPI: 1 241M€, correspondendo o valor de mercado do capital angolano a 122M€.

Ou seja, um total de 2 429M€ de capital angolano a preços de mercado de fecho no dia 18 de Março de 2011.

▶ questões económicas, sociais e culturais que existem e que são reais, é muito natural que Angola também queira ter investimentos junto do seu maior parceiro comercial (fora do ramo do petróleo) e do seu maior fornecedor. O interesse de Angola é, por isso, um interesse legítimo e natural”, remata.

Maiores accionistas já serão angolanos

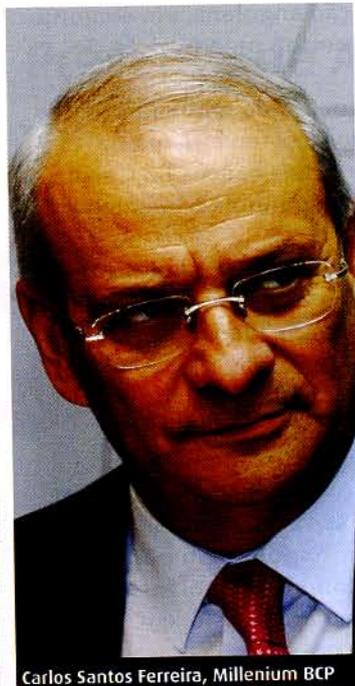
De acordo com informações recolhidas junto da bolsa portuguesa, as quais são obrigatórias e estão disponíveis para o mercado, não existe até ao momento

”

Os investimentos angolanos no PSI 20 estão agora avaliados em 2,43 mil milhões de euros, mais 12% do que os 2,18 mil milhões aplicados no final de 2009.



” Poderão existir, directa ou indirectamente, mais participações angolanas nestas ou noutras empresas cotadas portuguesas, mas encontram-se seguramente abaixo dos 2% necessários para terem de ser reportados como participação qualificada e dadas a conhecer ao mercado”, adianta Octávio Viana, presidente da Associação de Investidores e Analistas Técnicos do Mercado de Capitais.



Carlos Santos Ferreira, Millenium BCP

nenhuma empresa cotada cuja maioria do capital social (superior a 50%) seja angolano. Mas existem empresas cotadas em que os maiores accionistas detêm capitais angolanos, designadamente na ZON, em que a Kento Holding Limited detém 10% do capital social, ficando apenas atrás do banco estatal português, a CGD, que detém mais 1,75% do que a empresa de direito angolano.

Se consideramos ainda a posição que os capitais angolanos detêm no BPI, que por sua vez detém 7,89% da ZON, verifica-se que a influência do capital angolano na ZON pode ser maior do que as participações detidas indirectamente. O mesmo acontece no Millennium BCP, em que a Sonangol é já o seu maior accionista, com quase o dobro do segundo maior accionista, que é a Teixeira Duarte. Na Galp, a Energia Amorim detém uma participação idêntica à dos italianos ENI, o

TRANSITÁRIO

Transporte Marítimo, Aéreo e Terrestre
Despachos Aduaneiros

CLEARING & FORWARDING AGENT
Customs Clearance and Freight Forwarding
Logistic Services

Segurança • Security

Eficiência • Efficiency

Excelência • Excellence

Credibilidade • Credibility

Compromisso • Commitment

OUR LOGISTIC PARTNER IN ANGOLA

Rua Cirilo da Conceição, 13 • Luanda - Angola
Tel: +244 222 339 340 • 395 633 • Fax: +244 222 395 729
Email: sgerais-transitario@nds-angola.com



Fernando Ulrich, BPI

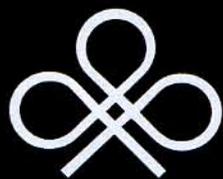
que torna a posição angolana, em conjunto com Américo Amorim, uma posição de controlo.

No BPI, a Santoro, detida também por capitais angolanos, é a terceira maior accionista, a seguir aos bancos La Caixa e Itaú (de origem espanhola e brasileira, respectivamente).

E como é que o mercado português e os seus analistas, em particular, reagem a esta situação? Para Octávio Viana, presidente da Associação de Investidores e Analistas Técnicos do Mercado de Capitais, trata-se de uma presença e de um interesse estratégico e natural. "Se atendermos bem às participações detidas, vemos que na sua maioria o são em empresas com forte presença em Angola e em pontos nevrálgicos da economia angolana, como é o caso da banca. Perante isto, é natural que Angola tome posições nas casas mãe dessas empresas com presença no seu país,

”

A Sonangol tem uma posição de cerca de 15% na Galp, aos preços actuais, a participação vale 1,76 mil milhões de euros. A petrolífera africana tem ainda uma participação oficial de 10,186% no BCP, que vale 433 milhões de euros. Já Isabel dos Santos detém 9,7% do BPI através da sociedade Santoro, investimento que, aos preços actuais de mercado, vale 122,2 milhões de euros.

**COSEBA**

Representante das Marcas

- Equipamento Bancário
- Cofres e Portas Blindadas
- Vídeo Vigilância e Alarmes
- Controlo de Acessos e Assiduidade
- Gestão de Filas de Espera
- Impressão de Segurança
- Impressoras de Cartões

SCAN COIN
VeriFone
THE WAY TO PAY

BURG WACHTER
Qnet®**WINCOR NIXDORF**
GUNNEBO
For a safer world.

GD Giesecke & Devrient

Chubb safes
Trusted the world over.

evolis
OFFICIAL PARTNER

Uma empresa

BRITHOL MIGHTOMA

Presença de Angola no PSI 20



Se atendermos bem às participações detidas, vemos que na sua maioria o são em empresas com forte presença em Angola e em pontos nevrálgicos da economia angolana, como é o caso da banca. Perante isto, é natural que Angola tome posições nas casas mãe dessas empresas com presença do seu país, como fez no Millennium BCP e no BPI. Mais evidente é ainda na Galp Energia, devido ao petróleo”, defende Octávio Viana, presidente da Associação de Investidores e Analistas Técnicos do Mercado de Capitais.

como fez no Millennium BCP e no BPI. Mais evidente é ainda na Galp Energia, devido ao petróleo”.

Ou seja, continua Octávio Viana, “a compreensão dessas participações está muito para além do racional financeiro que cada operação, em particular, comporta para o accionista em questão. Há sim um posicionamento estratégico que pode, inclusivamente, permitir a Angola entrar noutros mercados europeus através de um parceiro natural como é Portugal”. Acresce ainda que, “para Portugal, este parceiro comercial é também muito benéfico, não só por ser um dos maiores fornecedores de Angola, como pela liquidez que os investimentos angolanos trazem para as empresas lusas, nomeadamente numa altura de crise onde podem ter de se ir financiar ao mercado accionista e onde será determinante ter uma estrutura accionista capitalizada capaz de responder ao pedido

de reforço de capitais”, sustenta a mesma fonte.

Depreende-se, assim, que estas participações, ao não serem meramente financeiras, “podem ter o reverso da medalha, ao servirem para influenciar determinadas decisões que não sejam do real interesse da sociedade, mas sim de um país ou de uma determinada economia ou outras empresas desse país/economia. Mas até isso o Código das Sociedades Comerciais acaba por proteger, pelo que diria que o rácio risco/recompensa de deter interesses angolanos ou de outros países nas empresas cotadas na bolsa portuguesa, é sempre bom quando tudo é devidamente ponderado. Aliás, o mercado accionista é eficiente, exactamente porque cada um defende os seus interesses livremente, sem se submeter a um qualquer juízo amoral, obviamente sempre dentro da regulação existente”, conclui Octávio Viana. ■